

APRESENTAÇÃO

Aleria Cavalcante Lage (UFRJ)¹, Marcia Damaso Vieira (UFRJ)² e Gean Nunes Damulakis (UFRJ)³

Este número da Revista Linguística é de tema livre; por isso, e pelo fato de as submissões de artigos terem sido subsequentes ao bem sucedido *II Congresso Internacional da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, em setembro de 2013, foi possível reunir, além das seções fixas de Entrevista, Resenha (*Critical Review*) e *Squib*, uma quantidade bem acima da habitual de artigos.

Abrimos o número com uma entrevista com a Professora Anne Christophe, concedida ao Doutorando em Ciências Cognitivas, Alex Carvalho, da *École Normale Supérieure* (Paris), seu orientando, e à Professora Aniela Improta França, do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Anne Christophe é reconhecida especialista em Aquisição da Linguagem, diretora do *Laboratoire de Sciences Cognitives et Psycholinguistique (LSCP)*, *École Normale Supérieure*, *Le Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS)*. Ela nos traz um precioso condensado da evolução da área de aquisição de linguagem, ressaltando os principais marcos que balizaram as pesquisas que chegam hoje a um ponto bastante avançado de conhecimento, em que se podem perceber as contribuições da prosódia, da sintaxe e da fonética-fonologia na deflagração da fala. Anne Christophe presta um grande serviço ao incluir as referências bibliográficas essenciais, que poderão servir até mesmo como uma boa iniciação para alunos interessados em obter boa formação em aquisição. Por isso nossa preocupação com aumentar o alcance desse texto, apresentando a entrevista também em português, além do seu original em francês.

Ainda sobre a gramática do falante nativo, então enfocando o impacto de características do *input*, esse número traz uma Resenha (*Book Review*) escrita pelo Professor Andrew Nevins, do livro editado por Matthew Baerman, Greville Corbett e Dunstan Brown, em 2010, intitulado *Defective paradigms: missing forms and what they tell us*. Andrew Nevins é Professor da *University College of London* e Professor Visitante Sênior do Programa de Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Sua

1. Professora Adjunto de Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Departamento de Linguística e Filologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

2. Professora Adjunto de Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Setor de Linguística do Departamento de Antropologia do Museu Nacional /UFRJ. Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas e com estágio sanduíche pela *University of Arizona*, em Tucson.

3. Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro e do Departamento de Linguística e Filologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

resenha mostra não apenas uma leitura atenta e uma boa exegese dos capítulos do livro, mas também traz contribuições teóricas à obra e ao tema. O livro aborda a defectividade flexional nas línguas humanas, que pode ser definida como *espaço morfossintático não completamente realizado pelo espaço de expoentes fonológicos*. Durante muito tempo considerado marginal, este tema tem recebido maior atenção recentemente, tanto que este livro congrega muitos estudiosos, que, em vários capítulos, revelam aspectos da defectividade em muitas línguas, como mohawk, védico, húngaro, russo, letão, espanhol, português, entre outras, o que traduz a alta recorrência translinguística do fenômeno. No português e no espanhol, por exemplo, a relação da defectividade com o acento se mostra patente, uma vez que, assim como em outras línguas românicas, formas defectivas parecem estar atreladas à ausência de alomorfe rizotônico. Nevins expõe também alguns aspectos de suas pesquisas atuais sobre o tema no português, que apontam para a importância da Linguística Experimental para a consecução de explicações teóricas aos fenômenos.

Em seu *Squib*, intitulado *Where are the possessors?*, Rafael Nonato, Recém-Doutor em Linguística do *Massachusetts Institute of Technology* e Pós-Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, questiona com propriedade a proposta de Abney (1987) sobre a representação sintática dos possuidores nominais, tratados como sujeito de DP, [Spec, DP], em analogia aos sujeitos oracionais de verbos transitivos, [Spec, TP], trazendo à tona dados de línguas indígenas brasileiras e hipóteses mais recentes sobre as representações dos diferentes tipos de sujeitos (HALE E KEYSER, 1993). Abney baseia a sua hipótese quanto à representação dos possuidores em dados de línguas com padrão ergativo-absolutivo em que o caso do possuidor é isomórfico ao caso ergativo do sujeito transitivo, ou o possuidor, assim como o sujeito transitivo, engatilha a concordância no núcleo lexical de sua projeção. As línguas apresentadas por Nonato também seguem um padrão ergativo-absolutivo; porém, nelas, o comportamento do possuidor nominal é igual ao do sujeito intransitivo (inacusativo), em termos de marcação de caso absoluto (Kĩsêdjê, Jê) ou em termos de concordância (Bororo, Macro-Jê).

Assim, o raciocínio inédito de Nonato, nestes termos, é exposto claramente, mostrando que não é mais possível se manter a proposta de Abney, já que o possuidor nominal não se correlaciona estruturalmente a um único tipo de sujeito nas línguas naturais. Nonato propõe, portanto, representações sintáticas novas para os sujeitos externos [Spec, VP/vP] de verbos transitivos/intransitivos inergativos, e para os sujeitos internos [Comp, VP] de verbos intransitivos inacusativos, e leva em conta dados em que o possuidor se comporta igual ao sujeito de verbos intransitivos. O fato de algumas línguas associarem o possuidor nominal ao sujeito transitivo (externo), enquanto outras, ao sujeito inacusativo (interno), viola o *UTAH* (BAKER, 1988), proposta segundo a qual um determinado papel temático deve estar sempre associado a uma posição sintática específica em termos universais. O *squib* de Nonato contesta, assim, de forma convincente e inteligente, o consenso verificado na literatura gerativa até hoje em relação à proposta de Abney sobre a correlação sintática entre possuidores e sujeitos transitivos e mostra também que a questão da representação dos possuidores ainda está longe de ser solucionada. As contribuições de Nonato, portanto, têm a solidez necessária para cumprir com o papel de trazer à tona discussões quanto ao tema, e em profundidade.

Após a Entrevista, a Resenha e o Squib, apresentamos os artigos deste número da Revista Linguística, que são de tema livre. Recebemos contribuições sobre Sintaxe na Gramática Gerativa, Fonologia, incluindo línguas indígenas brasileiras e língua crioula, Psicolinguística Experimental, Neurociência da Linguagem, Sociolinguística, Análise do Discurso e Lexicologia e Lexicografia.

Começamos por artigos que adotam a abordagem teórica da Gramática Gerativa, não só assumindo o modelo Minimalista – classicamente, Chomsky (1995) – como também outros artigos que seguem os postulados da Morfologia Distribuída, iniciada por Halle e Marantz (1993, 1994), modelo gerativista não lexicalista, que prevê sintaxe dentro da palavra, em uma arquitetura de “*syntactic hierarchical structure all the way down*”: de traços abstratos, à inserção morfossintática e, por fim, à Enciclopédia, onde toda interpretação é idiossincrásica.

Os artigos de Gramática Gerativa tratam, entre outros assuntos, da interface sintaxe-semântica, de línguas indígenas brasileiras e de língua crioula. Depois, ainda mantendo uma base gerativista, são apresentados artigos em Linguística Experimental, não só em Psicolinguística Experimental, mas também em Neurociência da Linguagem.

E passamos então para modelos teóricos baseados no uso, ao introduzirmos os artigos de Sociolinguística e Análise do Discurso. Fechamos o número com um artigo sobre Lexicologia e Lexicografia.

O primeiro artigo que apresentamos é de autoria de Eugenio-Souto e Lima-Salles: *Propriedades sintáticas e semânticas do verbo “ir” em português brasileiro*. Neste artigo, a interface sintaxe-semântica é tratada com o objetivo principal de discutir a grade argumental do verbo *ir* denotando movimento direcional, com base nas propostas de Fábregas (2007) e Ramchand (2008). Através de dados coletados em situações de uso, as autoras mostram que o verbo *ir* apresenta uma variação de usos que vai desde contextos com expressão locativa obrigatória, como em *Maria foi *(ao Zoo)*, até aqueles sem manifestação aparente de argumento (*Fui!*). As autoras assumem, contudo, que o verbo *ir* é do tipo inacusativo biargumental, ou seja, que seleciona dois argumentos internos: o *originator* (*aquele que vai*) e um PP que expressa caminho/término.

Eugenio-Souto e Lima-Salles adotam ainda a noção de que as propriedades aspectuais do evento expresso pelo predicado verbal são projetadas em núcleos funcionais que realizam os argumentos. No caso de *Fui!*, por exemplo, o segundo argumento interno é saturado pela flexão de aspecto perfectivo. Por fim, entendemos que as propostas inovadoras de Eugenio-Souto e Lima-Salles são um chamamento para mais reflexão sobre as constituições sintático-semânticas do verbo *ir*.

No artigo *Verbos de criação do português brasileiro: classificação e representação lexical*, Amaral e Cançado discutem a possibilidade da existência de uma classe de verbos de criação em PB, tendo como base os fundamentos da Semântica Lexical (Dowty, 1979; Levin, 1993; Levin e Rapport-Hovav (1995); Pinón, 2008, entre outros). Partindo do pressuposto de que os verbos são agrupados em classes de acordo com as suas propriedades semânticas que determinam o seu comportamento sintático, Amaral e Cançado propõem que em PB não existe uma classe específica de verbos de criação. Na

verdade, os verbos de criação do PB, compartilham com outros verbos que não implicam na criação de um objeto, as mesmas propriedades semânticas e sintáticas. Verbos como “construir” (“O pedreiro construiu um sobrado”) e “escrever” (“O poeta escreveu um livro”), por exemplo, apresentam o mesmo comportamento que verbos como “transcrever” (“O sociolinguista transcreveu a entrevista”) e “roubar” (“O ladrão roubou o projeto”). Em termos semânticos, “construir”, “escrever”, “transcrever” e “roubar” são bieventivos, denotam *accomplishment* e possuem um argumento agentivo como sujeito. Em termos sintáticos, são transitivos, podem ser passivizados, não alternam no par causativo/incotivo e podem formar NPs, a partir de um processo de nominalização, que apresentam as suas mesmas propriedades argumentais na forma passiva: “a construção de um sobrado pelo pedreiro”, “a escrita de um livro pelo poeta”, “o roubo do projeto pelo ladrão” etc.

As autoras concluem, então, que os verbos de criação do PB pertencem a uma classe verbal mais ampla que contém muitos outros verbos que não denotam a criação de um objeto, como “assassinar”, “copiar”, “transcrever”, “roubar”, mas que compartilham com eles as mesmas propriedades semânticas e sintáticas. Amaral e Cançado denominam essa classe de “verbos com nomes eventivos”. Em “O poeta escreveu um livro”, tem-se um verbo de criação, mas não em “A professora escreveu o nome da aluna”. Tal fato mostra que o verbo vai denotar a criação de um objeto, de acordo com o tipo de NP que é seu complemento. A criação de um objeto não é, pois, a propriedade relevante para o estabelecimento das características sintáticas desses verbos. Os verbos dessa classe podem ser parafraseados como: “O pedreiro fez/realizou a construção de um sobrado”, “O professor fez/realizou a escrita do nome da aluna” etc. Sendo assim, a sua representação lexical exclui o primitivo semântico CREATION, mas inclui CAUSE: [[X ACT]CAUSE[<EVENTO> OF Y]]. O artigo, sem dúvida, traz reflexões originais e convida os leitores, especialmente os estudiosos do assunto, para discussões que promovam ainda mais contribuição à Teoria Linguística na interface entre a sintaxe e a semântica.

E é também na interface sintaxe-semântica da Teoria Gerativa que se insere o artigo de Scher e Nóbrega, *Unifying neoclassical and stem-based compounds: a non-lexicalist approach*, adotando diretamente os pressupostos da Morfologia Distribuída (Halle, Marantz, 1993, 1994), um modelo que nasceu baseado na Gramática Gerativa, porém com mudanças tão significativas que o fazem não lexicalista. É com muita profundidade que os autores discutem a derivação dos compostos neoclássicos do português brasileiro (PB) e dos compostos do grego e do russo envolvendo radicais, à luz dos pressupostos teóricos da Morfologia Distribuída e da proposta de Di Sciullo (2005, 2009), segundo a qual tais estruturas são formadas a partir de uma projeção funcional cujo núcleo estabelece um tipo de relação entre os seus elementos constitutivos. Os compostos neoclássicos do PB são constituídos por um ou mais radicais presos de origem grega ou latina, ligados entre si por meio de uma vogal (*oftalm-o-logista*, *neur-o-psic-ó-logo*), que também é verificada nos compostos formados por radicais em grego e em russo como, por exemplo: *nixt-o-puli*/ *pássaro-o-noite*. Scher e Nóbrega, após discutirem várias hipóteses sobre as possíveis funções do elemento de ligação nesses compostos, concluem, de maneira perspicaz e original, que este não tem nenhum estatuto gramatical ou semântico. Os investigadores postulam, então, que a presença dessas vogais é justificada por uma exigência fonológica da língua, manifestada no componente morfológico. Em PB, a vogal é inserida quando o primeiro radical termina em consoante, e o segundo começa também por consoante.

Scher e Nóbrega ampliam sua pesquisa e trazem mais conclusões, ao assumirem que a derivação sintática destes dois tipos de compostos envolve uma estrutura em que os radicais são concatenados em uma projeção funcional na posição de especificador e complemento, cujo núcleo (abstrato) estabelece relações semânticas entre eles (*e, ou, em, com*), conforme sugerido pela proposta de análise de Di Sciullo (2005, 2009). É esta estrutura funcional que é categorizada por *n* (*enezinho*), que transforma o composto em um nome. Esta configuração é, então, enviada para o componente morfológico, onde é desencadeada a inserção dos elementos de ligação entre os constituintes dos compostos. Por fim, é na Enciclopédia, último módulo que a computação atinge, que são reveladas as interpretações, consideradas pelo modelo da Morfologia Distribuída, sempre idiossincrásicas.

Continuamos na Teoria Gerativa e na questão da interface sintaxe-semântica, ao introduzirmos o artigo de Duarte *On the semantics of affectedness and its implications for argument structure in the Ka'apor language*. Este artigo, de forma cuidadosa e com riqueza de dados, contempla ainda a linha de pesquisa *Estudos de Línguas Indígenas Brasileiras*.

Duarte investiga os aspectos semântico-sintáticos da partícula casual [*ke*] da língua Ka'apor (da família Tupi-Guarani), que se manifesta após objetos de verbos transitivos, após sujeitos de verbos intransitivos estativos e inacusativos e após objetos indiretos de verbos bitransitivos. O fato curioso sobre [*ke*], conforme aponta o autor, é que tal partícula pode também marcar, em certos contextos, sujeitos de verbos transitivos e de verbos intransitivos inergativos, geralmente expressos na forma de caso nominativo abstrato em Ka'apor. Esta é uma observação original, e para justificar a distribuição de [*ke*] em Ka'apor, Duarte lança mão das propostas de Butt (2006) e de Woolford (2006). Segundo Butt (2006), os sistemas de marcação de caso das línguas naturais estão associados a conceitos semânticos espaciais e a noções de controle/agentividade sobre a ação.

A partir desta abordagem e dos dados observados do Ka'apor, Duarte propõe que a partícula [*ke*] denota a semântica da afetação, o que explica, então, a sua ocorrência com argumentos que carregam os papéis temáticos de tema/paciente, de alvo e também de agente com baixo controle sobre a ação. Tal constatação justifica, assim, a alternância na marcação de caso dos sujeitos transitivos e inergativos da língua. Quando são agentes exercendo controle sobre a ação, os sujeitos são marcados com caso nominativo. Quando são agentes com baixo controle sobre a ação, os sujeitos se manifestam através da partícula [*ke*], a qual, seguindo o raciocínio de Woolford (2006), é, na verdade, o *spell-out* de um caso dativo inerente associado ao papel temático *argumento afetado*.

Para dar conta do licenciamento de um agente afetado dentro dos moldes das teorias construcionistas sobre a estrutura argumental, como a Morfologia Distribuída, tal como em Pyllkanen, 2008, Duarte se vale, com base em Woolford (2006), de um núcleo funcional *vezinho*_{GOAL(V_G)}, localizado entre Voz e Causa, que só se manifesta quando a língua é do tipo *Non-Voice-Bundling*. Além de introduzir um agente afetado, *v_G* também libera o caso dativo. Por outro lado, o agente com controle é licenciado por Voz e expresso no caso nominativo em Ka'apor. O artigo de Duarte apresenta, desta maneira, uma análise muito convincente sobre a distribuição da partícula de caso [*ke*] em Ka'apor, sobre o licenciamento do agente afetado e sobre a alternância de caso verificada entre os argumentos externos de verbos transitivos e inergativos.

Um outro fato relevante em relação à análise de Duarte é que ela insere o Ka'apor na tipologia de línguas com sistema de caso do tipo *Fluid-S* na América do Sul, onde, de acordo com Dixon (1994), só havia um único registro até agora: Baniwa do Içana (Aruák). De fato, estamos diante de uma importante contribuição, essencialmente para o estudo das línguas indígenas brasileiras.

O estudo das línguas crioulas de base portuguesa está também representado neste número da Revista Linguística, por meio do artigo *A alomorfia dos pronomes de objeto em caboverdiano*, de Salanova e Pratas. A fim de discutir a alomorfia verificada em caboverdiano entre as formas livres e as formas enclíticas dos pronominais de objeto (*N odjába el/ Eu via ele; N odjá-l/ Eu o vi*), os autores se concentram no problema da distribuição complementar existente entre as formas enclíticas dos pronominais de objeto e o marcador de tempo imperfectivo {-ba}. Quando o verbo aparece na forma imperfectiva, o enclítico de objeto é impedido de ocorrer (** N odjbá-l/ Eu o via*). Somente a forma livre é autorizada neste contexto (*N odjába el/ Eu via ele*). Além de abordarem a relação entre morfologia e fonologia, os autores propõem ainda que esta distribuição complementar entre enclítico (verbal) de objeto e sufixo temporal pode ser explicada pela prosódia.

Em caboverdiano, o acento principal da palavra recai na penúltima sílaba moraica (*ódja/ ver*), sendo que as consoantes em coda também são moraicas. Quando os enclíticos de objeto e os marcadores de imperfectivo ocorrem, eles passam a fazer parte da palavra fonológica, o que provoca o deslocamento do acento para uma sílaba à direita (*N odjá-l/ Eu o vi; N odjába el/ Eu via ele*). Este deslocamento de acento não é livre, mas restrito por um princípio segundo o qual o acento principal da palavra caboverdiana deve se manter dentro do tema verbal. Sendo assim, um verbo contendo os dois morfemas viola este princípio, já que o acento passa a recair fora do tema (*N ojabá-l/ *Eu o via*).

Salanova e Pratas também chamam a atenção para o fato de a forma livre de objeto não poder aparecer após o verbo nu (**N ódja el/ Eu vi ele*). A fim de justificar tal restrição, eles se valem de um princípio de economia que considera mais onerosa a inserção de um alomorfe acentuado (forma livre). A questão da escolha do alomorfe ideal para determinado contexto traz à tona a discussão sobre a interação entre morfologia e fonologia. Os autores sugerem que a escolha do alomorfe do pronome objetivo não é ditada pelo contexto fonológico, mas são os marcadores de pessoa objetivos que determinam este contexto. Esta possibilidade de *look-ahead* para a escolha da forma pronominal requer um modelo de gramática representacional. Sendo assim, Salanova e Pratas adotam o formalismo empregado pela Teoria da Otimalidade (PRINCE, SMOLESNSKY, 1993), uma gramática representacional que permite a avaliação simultânea de formas superficiais, restritas por Acentuação, Acentuar dentro do tema e Estrutura (princípio de economia), e, assim, justificam a alternância das formas pronominais do objeto. O artigo se sobressai não só pela originalidade das propostas, como também pela riqueza de dados e criteriosa abordagem da língua estudada.

E é ainda dentro da área de Fonologia, mas também da Fonética, que o artigo *Percepção de norteamericanos quanto às oclusivas surdas finais sem soltura audível do inglês*, de Perozzo, Alves e Fontes, apresenta uma investigação cuidadosa sobre o tema percepção. Os autores abordam as características fonéticas que permitem os falantes/ouvintes discriminar sons, cuja combinabilidade

é característica fundamental das línguas humanas. A ideia central é a de verificar quais são as pistas acústicas, consideradas por falantes nativos de inglês para discriminar o ponto de articulação de plosivas não vozeadas em posição de coda final nesta língua. Para tanto, os autores elaboraram testes de percepção, que foram aplicados em falantes nativos de inglês americano. Ao partir de hipóteses corroboradas por estudo similar realizado por Perozzo (2013), com brasileiros aprendizes de inglês como L2, um dos achados da pesquisa é o de que as pistas acústicas envolvidas na percepção acurada de falantes nativos são em grande parte as mesmas que as dos brasileiros adquirindo inglês como L2, como as transições formânticas da vogal núcleo para a respectiva consoante em coda (LADEFOGED, 2005) e a duração vocálica dos núcleos silábicos que antecedem estas consoantes.

Passando para a área de Psicolinguística Experimental, abrimos a sequência com uma pesquisa em Aquisição de Linguagem e Processamento de Sentença, tomando como base teórica a Gramática Gerativa. O artigo de Dotti, Corrêa e Augusto, originalmente em espanhol, *Considerando costo de procesamiento en la comprensión de interrogativas en infantes que adquieren Español Rioplatense*, traz resultados de experimentação psicolinguística com a técnica de fixação preferencial do olhar. Os autores testam a aquisição de interrogativas em Espanhol Rioplatense como língua materna, considerando graus diversos de complexidade neste tipo de construção sintática. Assim, os pesquisadores observaram que *interrogativas sim/não* sem inversão sujeito-verbo são melhor compreendidas, ou seja, parecem, de fato, ter um custo computacional menor, do que interrogativas *sim/não* com inversão de sujeito ou interrogativas-QU com movimento do operador. Além disso, a compreensão das construções mais complexas parecem ir melhorando quanto maior é a idade da criança, tendo sido testadas crianças de dois e três anos. Estes resultados estão em consonância com o desenvolvimento neurofisiológico da criança e com outros pressupostos da área de Aquisição de Linguagem e da Teoria Gerativa, que se enquadram na Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981). Assim, estamos diante de mais um trabalho com acurácia em pesquisa, promovendo contribuição para a Teoria Linguística.

Continuamos em Psicolinguística Experimental e também mais especificamente na subárea de Processamento de Sentença, porém não mais na área de Aquisição de Linguagem. Assim, passamos a abordar o artigo de Godoy, intitulado *Processamento de pronomes plurais não anafóricos*. Godoy realizou um cuidadoso experimento de leitura, cujos resultados são capazes de promover uma discussão profícua em Processamento de Sentença. Eles mostram uma tendência de que os pronomes plurais não buscam imediatamente seu antecedente, ao contrário da noção que vigora classicamente, tendo em vista que a relação e a indexação do pronome com seu antecedente são necessárias para a representação e a computação linguísticas, haja vista, entre outros clássicos, os pressupostos da Teoria da Ligação ou da Vinculação (CHOMSKY, 1981). Assim, incentivamos novas pesquisas de Godoy, em Psicolinguística Experimental, sobre o processamento de pronomes plurais não anafóricos, valorosas como esta, para uma contribuição ainda maior para a Teoria Linguística, esclarecendo pormenores da computação linguística, sobretudo no que se refere à Teoria da Ligação.

Tratamos agora de mais uma pesquisa em Psicolinguística Experimental, na subárea de Processamento de Sentença. Esta pesquisa, de Souza, Oliveira, Guimarães e Almeida, resultou no artigo *Efeitos do*

bilinguismo sobre a L1: evidências em julgamentos de aceitabilidade e no processamento online de bilíngues em imersão na L2 ou não. Estes autores se inspiraram em outros estudos recentes que mostram que a representação da L1 sofre efeitos do bilinguismo em bilíngues imersos na L2 ou em situação de inversão de dominância linguística.

Assim, os autores recrutaram um grupo de bilíngues do espanhol (L1) e do PB (L2), residentes no Brasil há aproximadamente dez anos, que se julgavam proficientes na L2 e a usavam cotidianamente, o que sugere um processo de inversão de dominância linguística. Os pesquisadores ainda tiveram como sujeitos experimentais, formando um segundo grupo, bilíngues do PB (L1) e do inglês (L2) residentes no Brasil, onde tinha acontecido grande parte da aprendizagem da L2. Foram aplicados três experimentos, sendo utilizadas as técnicas de julgamento de aceitabilidade e de rastreamento ocular (*eye tracking*), que, durante a leitura, captura e registra as sacadas (movimentos oculares) adiante e para trás, além da fixação do olhar e onde o olhar é fixado. Dada a técnica de rastreamento ocular, que requer entender bem o funcionamento de um equipamento moderno, o rastreador ocular (*eye tracker*), entender bem de programas (*softwares*) e de programação computacional, além das características bem específicas dos sujeitos experimentais, não resta dúvida de que os experimentos foram de realização complexa, requerendo muita força de trabalho especializada.

Este conjunto de experimentos bem sucedidos traz resultados, atestados estatisticamente, de que há forte influência da L2 sobre a representação da L1 mesmo em situações em que não há inversão de dominância ou indícios de perda ou erosão da língua materna. Estes resultados ampliam a compreensão de situações de bilinguismo, pondo em discussão resultados de experimentos anteriores.

Ainda na área de Psicolinguística Experimental, temos o artigo de Hermont e Morato: *Aquisição de tempo e de aspecto em situações típicas e no déficit específico de linguagem.* Este trabalho, que une duas pesquisas dos autores, apresenta resultados experimentais relativos a crianças no processo de desenvolvimento de linguagem, a partir de fala espontânea, e a uma criança com *Déficit Específico de Linguagem* (DEL), isto é, criança DEL, estudada por meio de testes de elicitación. Considerando estes sujeitos distintos, são estudados os fenômenos relativos à representação das categorias de Tempo (*Tense*) e de Aspecto (*Aspect*) na gramática, segundo as noções distintas de Tempo e Aspecto propostas desde Comrie (1976). Assim, os autores buscam verificar como as noções aspectuais de telicidade e atelicidade do VP influenciam a existência das marcações gramaticais perfectivas e imperfectivas.

Além disso, Hermont e Morato consideram a cisão da categoria Tempo (*Tense*) em Tempo (*Tense*) e Concordância (*Agreement*), conforme Pollock (1989), apesar de tomarem como base a versão clássica mais recente da Gramática Gerativa (CHOMSKY, 1995), que postula a inexistência de um nó específico de Concordância, tendo em vista que Concordância é uma relação e não um nó categorial.

Enfim, as noções de Tempo e Concordância são discutidas também diante dos conteúdos de Wexler (1998), que, baseado em Schutze e Wexler (1998), propõe ATOM, que é um Modelo de Omissão de Concordância e Tempo no Estágio OI. As propostas destes dois trabalhos buscam explicar a linguagem também em crianças com DEL.

A partir de uma ideia muito original de teste, Magalhães e Leite realizaram uma pesquisa e escreveram o artigo *Memorização e compreensão na leitura de textos manuscritos e digitados* é o artigo de. Neste trabalho, são apresentados resultados experimentais de teste de leitura no que diz respeito à memorização e à compreensão de textos, comparando os escritos a mão com aqueles digitalizados. Também há teste de reprodução de textos a mão e digitalizando. Podemos dizer que este trabalho alia seus resultados dentro da Psicolinguística Experimental com conhecimentos muito modernos de Neurociência que tratam da escrita. Um pesquisador de Neurociência e escrita, bastante importante da atualidade, que nossos leitores conhecerão, ou sobre o qual ouvirão novamente em Magalhães e Leite, é o maior responsável pelos embasamentos teóricos que foram a fonte inspiradora destes testes, mostrando a convergência destes nossos autores com as informações mais modernas da Neurociência quanto à leitura e à escrita. O artigo de Magalhães e Leite apresenta então os resultados dos primeiros experimentos psicolinguísticos, ao menos em português, que apontam positivamente para o fato de que a memorização do que se lê e do que se produz na escrita é mais eficiente quando em manuscrito do que em texto digitalizado. Essa distinção é possível porque aí estão diferentes processos motores, cognitivos linguísticos e cognitivos visuais.

Na área de Neurociência da Linguagem, temos Resende, Mota e Gesualdi-Manhães, com o artigo *Armazenamento vs. decomposição do gênero gramatical do português: um estudo eletrofisiológico*. É uma contribuição importante para a área em expansão da Neurofisiologia da Linguagem, que agora começa a ser explorada por um laboratório da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a coordenação da Professora Mailce Mota. Utilizando a técnica de extração de ERP (*event-related brain potential*), ou seja, potenciais relacionados a evento, as autoras acharam diferenças eletrocorticais no processamento da concordância nominal em PB, relativamente a nomes de gênero gramatical transparente e nomes de gênero gramatical opaco. O artigo explora um dos aspectos em que a Eletrofisiologia melhor pode contribuir para a literatura linguística: a precisão dos acoplamentos das camadas morfológicas.

Entramos no campo da Sociolinguística Variacionista com o artigo *A simplificação morfológica na expressão do sujeito indeterminado no português afro-brasileiro*, de Dante Lucchesi. O autor examina, original e meticulosamente, a inderteminação do sujeito no português falado em comunidades rurais do interior baiano, algumas das quais compostas por remanescentes de antigos quilombos. A simplificação morfológica na expressão do sujeito indeterminado se materializa, nesta variedade do português, através do uso da terceira pessoa do singular com sujeito nulo, sem correferência, como em “Hoje usa mais roupa colorida que antigamente” (sem o uso do *se*). A partir de um *corpus* e de resultados estatísticos, Lucchesi postula que tal simplificação morfológica teria resultado de um contato linguístico massivo, entre o português do colonizador e as línguas faladas originalmente pelos africanos escravizados e seus descendentes.

Como um dos principais argumentos, Lucchesi evoca a análise em tempo aparente (LABOV, 1972), que demonstrou a alta incidência desta variante em falantes mais idosos destas comunidades e a baixa incidência da variante nos mais novos, o que poderia apontar para uma mudança em progresso e para a maior incidência desta variante em tempos mais remotos. A baixa incidência desta variante

e a maior incidência de outras formas de expressar o sujeito indeterminado em falantes mais jovens seriam o reflexo da força exercida pelos grandes centros urbanos, através dos meios de comunicação e do avanço do sistema de ensino público, entre outros fatores.

Utilizando pressupostos teórico-metodológicos da Geolinguística e da Sociolinguística Variacionista, o artigo *Variação semântico-lexical no Amapá*, de Sanches e Silva, oferece ao leitor uma investigação que tem o objetivo de identificar variações no nível lexical em vários pontos do estado do Amapá. A coleta de dados segue os moldes daquela realizada para a produção do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), tendo os autores utilizado dados que integram o projeto do Atlas Linguístico do Amapá (ALAP). Para a coleta de dados, utilizou-se o questionário semântico-lexical proposto pelo comitê do Projeto ALiB, do qual foi selecionado, entretanto, apenas um, que diz respeito ao *comportamento e convívio social*, dos quatorze campos temáticos. Na análise, foram utilizadas sete das quatorze perguntas concernentes a este campo, entre as quais: 136. *Pessoa que fala demais*; 137. *Pessoa pouco inteligente*; 138. *Pessoa sovina*, entre outros. Sanches e Silva concluem que há grande variação semântico-lexical no Amapá, onde o mesmo sentido pode ser veiculado por várias lexias, algumas delas usadas mais por determinadas faixas etárias. A importância da pesquisa está em seu caráter metodologicamente criterioso e no fato de ser um dos raros trabalhos que tratam da variação linguística no estado do Amapá.

Na sequência, empregando metodologia da Sociolinguística Quantitativa e pressupostos funcionalistas, o artigo de Coan e Pontes investiga o *Pretérito imperfeito e perífrases imperfectivas em variação na codificação da função narrativa em contos escritos em espanhol*. Mais uma pesquisa fruto de muito trabalho, nela foi utilizado um *corpus* composto por 24 contos originários de vários países hispanófonos. Os autores discutem quais são os condicionamentos favorecedores, em função narrativa, do uso do pretérito imperfeito (como em “*Allí iban los tres*”; “*Yo abria la puerta*”) em relação às perífrases imperfectivas (exemplos: “*proseguía viviendo*”; “*empezaba a morirme*”) e vice-versa. Para atingir seu objetivo, Coan e Pontes consideraram basicamente fatores linguísticos, mais precisamente funcionalistas, tais como: marcação; modalidade verbal (*realis* e *irrealis*); relevo discursivo – figura e fundo (HOPPER E THOMPSON, 1980); tipos de verbo – atividade, estado, etc. (VENDLER, 1967); entre outros. Os autores verificam, por exemplo, que a modalidade *irrealis* e o relevo discursivo *figura* favorecem o uso do pretérito imperfeito, enquanto *realis* e *fundo* favorecem a ocorrência da perífrase imperfectiva.

Na área da Análise do Discurso, dois artigos nesta edição exploram o conceito de *ethos* discursivo em suas investigações. Em *Metadiscorso e ethos em texto dissertativo escolar*, Brito e Faria analisam os conceitos de *ethos* e *metadiscorso* em redação de Vestibular. Tendo como base teórica os trabalhos de Maingueneau (2001) e Hayland (2005), Brito e Faria usam o texto dissertativo para exemplificar tais conceitos, sustentando que o posicionamento do enunciador guarda relação teórica com a noção de *ethos*. Desta maneira, estes autores assumem que o estudo de estratégias de argumentação retórica enriquece a análise do discurso, ao salientar a importância de mecanismos argumentativos de operadores metadiscursivos.

Também estudando o *ethos* discursivo, a seguir temos o artigo *O ethos* do Presidente Lula no programa Café com o presidente, de Ludovice e Pernambuco. Os autores investigam a construção do *ethos* do então Presidente Lula a partir de suas entrevistas concedidas ao programa semanal de rádio *Café com o presidente*. Deve ser muito bem considerada a quantidade dos dados coletados, durante a veiculação do referido programa nos períodos compreendidos entre janeiro e junho de 2006 e janeiro e junho de 2007. Tais dados são analisados tendo como base a teoria semiótica greimasiana. O principal interesse dos autores é revelar como a veiculação do programa apresenta elementos que têm por objetivo compor uma imagem pretendida pelo presidente. Apesar do *corpus* utilizado ser de cunho político, nos abstermos aqui de qualquer colocação política.

Mais um artigo na área de Análise do Discurso é *A representação da multifuncionalidade profissional: o discurso da empresa e o da autoajuda em diálogo*, de autoria de Nascimento e Silva. Neste artigo, o leitor encontrará uma análise sobre a penetração do discurso de autoajuda no discurso corporativo contemporâneo, sobretudo no que se refere à representação do profissional de múltiplas funções. Tendo como base teórica a Análise do Discurso de linha francesa, o artigo investiga um tema muito pertinente atualmente, que trata de como o discurso presente nos livros de autoajuda tem sido utilizado em ambientes empresariais, sobretudo através do uso de estratégias motivacionais. Como na autoajuda, a ideia central é a de que problemas, independentemente de sua origem, são sempre de ordem pessoal. Assim, a necessidade de suportar a pressão exercida pelas companhias passa a figurar na esfera pessoal, resvalando para a consideração de que o sucesso profissional no ambiente empresarial depende exclusivamente da postura pessoal do colaborador. Esta postura se coaduna com a demanda de as empresas possuírem em seus quadros poucos empregados, que devem dar conta de todas as necessidades das empresas.

Considerando categorias como interdiscurso, cenas de enunciação e *ethos*, causa bastante interesse como os autores avaliam trechos de uma obra muito disseminada nos meios corporativos, na qual é analisado este atravessamento entre campos discursivos corporativos e da autoajuda.

Fechamos o número com um artigo da área de Lexicologia e Lexicografia, artigo que faz uma interação direta com a área de Letramento. Estamos falando de *Sobre a função de dicionários escolares voltados para o Segundo Ciclo do Ensino Fundamental*, de Brangel e Miranda. Este trabalho, que deve se tornar muito importante para a área, pela sua qualidade, aborda as obras lexicográficas considerando a necessidade da definição da sua função no Segundo Ciclo do Ensino Fundamental. Neste sentido, há uma discussão entre a conveniência de dicionários semasiológicos ou onomasiológicos nesta fase da Educação Formal, não só considerando as razões técnicas, mas também as questões de praticidade e economia.

A Revista Linguística espera ter, mais uma vez, cumprido seu papel, trazendo pesquisas e conteúdos de alta qualidade, artigos de nível internacional, para os estudos de Pós-Graduação em Linguística no Brasil, e em outros países, e ainda com a finalidade de ser útil também aos alunos de Graduação que buscam saber mais, provavelmente futuros pesquisadores da área de Linguística. E não podemos deixar de agradecer a todos os articulistas e pareceristas, que muito contribuíram para a realização desse trabalho, graças a eles, excepcionalmente extenso e de alto padrão.